

**O RICO, JESUS E A VIDA ETERNA:
UMA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DE MATEUS 19.16-30**

Cláudio César Gonçalves¹

RESUMO

Neste artigo o autor procura exercitar uma leitura / interpretação da Bíblia como literatura utilizando ferramentas da análise literária como: narrador, tempo, cenário, personagens e enredo com exposição, tensão, resolução e desfecho. O texto escolhido é Mateus 19.16-30, onde o narrador conta que um jovem rico pergunta a Jesus o que deve fazer para alcançar a vida eterna. Jesus responde que ele deveria vender todos os seus bens e doar aos pobres. Diante disto o homem sai triste, por não poder renunciar a sua riqueza e seguir Jesus. Atônitos, os discípulos questionam: Então, quem pode ser salvo? A análise leva a uma tensão e desfecho da narrativa que vai além da questão do dinheiro em si; o narrador, através do seu enredo, leva o leitor a uma instigante reflexão sobre o verdadeiro discipulado cristão: um rigoroso teste de prioridades, renúncia e confiança no Mestre.

Palavras-chave

Jesus Cristo, riqueza, vida eterna, análise histórico-literário, interpretação.

ABSTRACT

In this article the author seeks to exercise a reading / interpretation of the Bible as literature using tools of literary analysis, as narrator, time, setting, characters and plot with exposure, tension, resolution and outcome. The chosen text is Matthew 19.16-30, where the narrator tells that a rich young man asks Jesus what he must do to have eternal life. Jesus answers that he should sell all his possessions and give to the poor. After hearing this, the man went away sorrowful, because he could not renounce his wealth and follow Jesus. Amazed,

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutorando em Letras pela mesma Universidade.

the disciples ask: So, who can be saved? The analysis leads to a tension, and outcome of the narrative, that goes beyond the issue of money. The narrator, through his plot, takes the reader on a stimulating reflection on the true Christian discipleship: a rigorous test of priorities, renunciation and trust in the Teacher.

Key words

Jesus Christ, Wealth, Eternal Life, Historical and Literary Analysis, Interpretation.

Texto bíblico: Mateus 19.16-30²

16 E eis que, aproximando-se dele um jovem, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna?

17 E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.

18 Disse-lhe ele: Quais? E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho;

19 Honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

20 Disse-lhe o jovem: Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda?

21 Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me.

22 E o jovem, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades.

23 Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos céus.

24 E, outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

25 Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá pois salvar-se?

26 E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível.

27 Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos?

28 E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.

² Versão utilizada: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

29 E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna.

30 Porém, muitos primeiros serão os derradeiros, e muitos derradeiros serão os primeiros.

Introdução

A Bíblia como literatura tem sido amplamente discutida tanto nos meios teológicos como acadêmicos. A análise literária da Bíblia, fonte primária da revelação divina (ALTER, 2007:16), tem sido uma ferramenta a mais para ajudar a interpretação histórico-gramatical de textos mais complexos em seu entendimento. A análise literária não deve ser exclusivista, ignorando o estudo histórico-gramatical. Por outro lado, ela não pode ser ignorada ou menosprezada, mas acrescida à exegese de textos sagrados (FERREIRA, 2008: 2).

É evidente que alguns autores bíblicos possuíam conhecimento de retórica, poesia e literatura de sua época. Faziam uso amplo de recursos retóricos como as parábolas, discursos, sermões, poesias, narrativas e cartas. O Evangelho de Mateus é um bom exemplo disso. Seu autor utilizou muito bem vários recursos como “ferramentas” literárias para registrar os feitos, milagres, ensinamentos e testemunhos do Filho de Deus na Terra.

Os ensinamentos sobre a ética de Jesus trouxeram à Palestina do primeiro século grande espanto aos seus ouvintes e também aos leitores de todos os tempos. Ele ensinou a correta atitude para com o dinheiro e seu perigo de distrair o discípulo e comprometer a salvação eterna. São mais de 90 citações sobre as riquezas proferidas por Jesus e registradas nos evangelhos, principalmente nas parábolas e no sermão do Monte. Para ele a vida material está intrinsecamente ligada à vida espiritual.

O texto de Mateus 19.16-30, sobre o jovem rico, sempre esteve sob vários debates e interpretações duvidosas. Clemente de Alexandria, em 150 d.C., escreveu um livro comentando sobre o jovem rico com o título: “A Salvação do homem rico”. Desde lá, este texto e demais ensinamentos de Jesus sobre o uso correto das riquezas sempre estiveram sob as mais diversas interpretações de teólogos, sociólogos e economistas durante toda a história da humanidade.

Diante destas questões literárias, éticas, econômicas e teológicas despertou-nos o interesse de estudar com mais vagar este texto do evangelho de Mateus. Qual a relação entre Jesus, os ricos e a vida eterna? A nossa proposta para esta narrativa de Mateus é fazer uma leitura/análise histórico-literária para melhor compreensão do texto. Faremos um estudo utilizando os recursos e estratégias retóricas apresentadas por Mateus para contar esta história, tais como: o narrador, o tempo, o cenário, os personagens e o enredo.

O incidente apresentado em Mateus 19.16-30 encontra-se canonicamente entre os chamados evangelhos sinóticos, aqueles que devem ser estudados juntos (Mateus, Marcos e Lucas). Segundo Ulrich Luz (1993: 43) Mateus pretende ser um “livro narrativo”, que, sobretudo, toma como base narrativas marcadas para a segunda parte de seu livro (capítulos 12 a 28). O livro narra a história do Filho de Deus, sua ética, seu exemplo e a sua pregação.

De forma didática e lógica, segundo Luz, o evangelho de Mateus tem o seu material dividido em cinco discursos organizados em estrutura quiástica, em torno do centro, ficando os sermões do Monte (capítulos 5 a 7) e o Escatológico (capítulos 24 e 25), com maior quantidade de material, nas extremidades da narrativa. Os dois discursos menores estão mais ao centro, isto é, o discurso aos seus Discípulos (capítulo 10) e o discurso sobre a Igreja (capítulo 18); e no centro da narrativa do livro de Mateus está o discurso sobre as Parábolas do reino (capítulo 13), como segue abaixo:

O Sermão do Monte (caps. 5-7)

Discurso aos seus Discípulos (cap. 10)

Discurso sobre as parábolas do Reino (cap. 13)

Discurso sobre a Igreja de Jesus (cap. 18)

O Sermão Escatológico (caps. 24-25)

Logo após Jesus deixar a região da Galileia e ir para o território da Judeia, além do rio Jordão, estavam em sua companhia os discípulos e grandes multidões que o seguiam (19.1). Seria a sua última entrada em Jerusalém – a entrada “triumfal” (21.10). Caminhando, ainda na Judeia, enquanto curava e ensinava as multidões, o narrador insere esta história em que

“alguém” se aproxima de Jesus para lhe perguntar acerca de como entrar na vida eterna. E a partir daí trava-se um diálogo entre este personagem e Jesus.

O diálogo entre Jesus e o homem rico (19.16-30) propõe muito mais do que narrar um contratempo que ocorreu na última caminhada de Jesus para Jerusalém. O objetivo do narrador é permitir a nós, leitores, ouvirmos as conversações dos personagens da narrativa e nos convidar a refletir ou emitir algum juízo sobre suas observações. Ele nos permite ver, em algumas cenas, a história verticalmente, ou seja, ver como o narrador onisciente a vê. Ele nos permite saber o que o personagem está pensando ou por que ele está reagindo daquela maneira. E então nos leva a refletir sobre o assunto e a tirar conclusões e lições de vida da história bíblica.

O narrador

O narrador é a peça fundamental na constituição de uma narrativa, pois sem ele, obviamente, não há narrativa. Em Mateus 19.16-30 o narrador se apresenta em terceira pessoa, onisciente e onipresente. Ou seja, ele sabe tudo sobre a história e está presente em todos os acontecimentos registrados. Ele tem conhecimento e informa a nós, leitores, quais as reações dos personagens que o texto apresenta.

O narrador introduz diálogos entre os personagens, informa, descreve e explica determinadas situações da história contada. Ele se comunica com o leitor na terceira pessoa do singular introduzindo o discurso direto dos personagens, (estratégia muito comum em narrativas bíblicas), como por exemplo: “Disse-lhe o jovem:” (19.20); “Disse-lhe Jesus:” (19.21); “Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo:” (19.25).

A função do narrador é descrever o diálogo entre Jesus e um certo “jovem” (com menos de quarenta anos) dono de “muitas propriedades” (19.16-22). Em seguida, Jesus se volta a seus discípulos e lhes aplica o ensinamento usando aquele episódio como ilustração e depois introduz uma parábola para elucidar aos seus discípulos o que devem fazer para entrar no reino de Deus (19.23-30).

O narrador desenvolve a história de maneira imparcial e onipresente. Ele não tece julgamentos a respeito do jovem, mas apenas informa aos leitores que aquele rapaz, após ter

sido testado por Jesus, “retira-se triste, por ser dono de muitas propriedades” (19.22). Não é necessário registrar na história a fala/resposta do jovem diante do pedido “difícil” (19.23) de Jesus. Frente à dificuldade de atender as exigências de Jesus, ele sai de cena frustrado consigo mesmo. Aquele “alguém” (19.16) que aparece subitamente no início da história, agora desaparece também da forma súbita.

A saída de cena do rico não constitui o fim da história. Pelo contrário, o clímax vai aumentando e o narrador tem muito mais a mostrar. Ele quer levar o leitor a uma reflexão sobre aquele incidente ocorrido durante o ministério de Jesus na Judeia. A reflexão que levou os discípulos de Jesus a questionar: “sendo assim, quem pode ser salvo?” torna-se o ponto de partida para um novo desenvolvimento narrativo.

Cheio de intenções retóricas, o narrador, em seguida, ilustra este episódio introduzindo uma pequena parábola. Ao proferir a parábola, onde um camelo (o maior animal da Palestina) tem a impossível missão de passar pelo fundo de uma agulha de costurar, Jesus leva o leitor a uma reflexão, ainda maior, sobre a impossibilidade humana de conquistar o céu por seus próprios méritos. Ao leitor resta a conclusão que não é apenas “difícil” conquistar a salvação, mas realmente “é impossível aos homens”!

O narrador, que a tudo vê, revela o espanto dos discípulos após ouvirem este duro discurso de Jesus. O texto mostra que: “ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Quem pode ser salvo?” (19.25). Com essa informação o narrador alcança estrategicamente os seus objetivos. Ele quer chamar a atenção para a gravidade do problema, e consegue.

A questão é que os judeus pensavam que a riqueza era um sinal da aprovação divina, assim como foi com Abraão, Jó, Davi e outros ricos do Antigo Testamento. Acreditavam que quanto maior a sua riqueza, maiores seriam as obras de caridade e, consecutivamente, maior seria o seu galardão no céu. Estavam equivocados.

A narração está chegando ao seu final, mas ainda não terminou o assunto. O narrador não pretende encerrar em tom de desespero, mas de esperança para aqueles discípulos (e os que viriam depois). Dessa forma, é introduzido o próximo personagem: Pedro. O apóstolo fala em nome dos discípulos, questionando: “Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será,

pois, de nós?” (19.27). Pedro quer saber: Se renunciamos a tudo aquilo que mais amávamos para seguir o Mestre, então, qual será a nossa recompensa?

O narrador novamente não opina e deixa que o leitor receba da própria boca de Jesus a resposta. O leitor é convidado, juntamente com os discípulos, a suspirar esperançoso de que os seguidores de Jesus, que são capazes de deixar o que for necessário (até a própria vida) por amor a Deus, serão grandemente recompensados. Não somente nesta vida serão abençoados, mas muito mais na vida por vir. Aqueles que deixaram tudo e se tornaram “os últimos” em benefícios e regalias nessa vida, serão “os primeiros” em recompensa/galardão no reino dos céus (19.30).

O tempo

Quando nos referimos ao “tempo” não estamos tratando do tempo em que a história foi escrita, mas sim ao tempo interno ao texto, ou seja, aquele tempo que está diretamente ligado ao enredo e o seu pano de fundo. O tempo da história escrita nem sempre coincide com o tempo da duração da própria história. O tempo cronológico é aquele que diz respeito à duração das histórias contadas no enredo, que podem ser de alguns minutos, dias ou, também, com duração de anos. Outro tempo a ser estudado na história é o psicológico. Este é o tempo que transcorre na mente dos personagens e que às vezes é mencionado pelo próprio narrador.

O elemento temporal no texto, tanto cronológico quanto psicológico, não é longo. O tempo cronológico narrado por Mateus é marcado mais pela ausência de informações do que por marcações da história propriamente dita. Jesus partiu da Galileia para Jerusalém. Embora ele (na companhia dos seus discípulos e de numerosa multidão) fosse interrompido por alguns breves incidentes no percurso da viagem, não pretendia permanecer muito tempo ali (BRUGGEN, 2005: 191) – Jesus tinha uma missão que o levaria à morte em Jerusalém (20.18).

A primeira interrupção da viagem mencionada por Mateus se dá no episódio que ocorreu com os fariseus que vieram testar Jesus com uma pergunta sobre o divórcio (19.3). O segundo incidente aconteceu quando trouxeram a ele algumas crianças para serem abençoadas. “E,

tendo-lhes imposto as mãos, retirou-se dali” (19.13). Por fim, o terceiro episódio acontecido, ainda na Judéia, foi o notável encontro do jovem rico com Jesus.

O texto não marca o tempo cronológico, apenas continua a narrativa dizendo que: “E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?” (19.16). Logo após o relato do homem rico, Jesus profere outra parábola: a parábola dos trabalhadores da vinha, registrada no início do capítulo 20. Ao que tudo indica, estes episódios aconteceram em questão de dias.

Tudo isso ocorreu enquanto Jesus estava a caminho de Jerusalém. É o que nos informa Mateus, quando relata: “Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse [...]” (20.17). O diálogo entre Jesus e o rico, e depois de Jesus com os seus discípulos parece ter durado apenas alguns minutos. Mas esta não era a ênfase do narrador. Seu interesse residia no tempo psicológico que se desenrolava na interioridade dos personagens.

O narrador nos presenteia com uma informação valiosa a respeito daquele moço rico, quando diz: “Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades” (19.22). Temos o privilégio de enxergar e refletir sobre a tristeza daquele que tentara alcançar a vida eterna sem a renúncia que lhe fora exigido.

O tempo psicológico é colocado estrategicamente aqui pelo narrador com a finalidade de produzir reflexão e interação com o leitor. Da mesma forma que os discípulos de Jesus o questionaram a respeito da impossibilidade de entrar na vida eterna por meios próprios, os leitores também são levados a se colocarem no lugar daquele jovem e fazerem a mesma escolha: Renunciar o que mais ama na vida para seguir com Jesus? Você renunciaria?

O cenário

O cenário é o espaço/lugar onde acontece a narrativa e os personagens interagem no desenvolvimento da história. Mateus nos apresenta os mais variados cenários em seu livro sobre o homem-Deus. O leitor é levado a refletir às margens do mar da Galiléia diante de um milagre de Jesus, no Monte da transfiguração, na capital Jerusalém, no Templo, em pequenos

povoados, no rio Jordão, no deserto, etc. Os cenários são variados e ricos para nos ajudar a compreender a história.

O cenário desta narrativa é bastante discreto. A preocupação do narrador não era, definitivamente, com o espaço onde inserir sua história, mas sim com o conteúdo das conversações. O texto não nos informa nenhum detalhe sobre a geografia, arquitetura, a fauna ou flora do local, apenas nos diz que Jesus estava na Judéia, a caminho de Jerusalém. Entretanto, o cenário vai além do seu mero referencial histórico, político, econômico e geográfico. Ele nos faz compreender o grau de atenção e intenção dos personagens.

Os personagens

Os personagens são responsáveis pela ação narrativa. Eles são colocados ou destacados pelo narrador com finalidades retóricas para convencer, mostrar ou ensinar algo relevante na história. O objetivo do narrador é colocar algumas características nos personagens para que eles interajam com os leitores. Os personagens podem ser classificados quanto a sua função e caracterização. Eles podem receber a função de protagonista, que é o personagem principal da narrativa. Ele pode também ser o herói ou o anti-herói. O herói é o protagonista que recebe características mais elevadas dentro do grupo. Por exemplo: Jesus, Daniel, Moisés ou Paulo são geralmente destacados como protagonistas heróis. Os anti-heróis recebem características menos elevadas, como por exemplo: o diabo, Judas, o jovem rico, Golias.

Quanto a caracterização dos personagens eles podem ser classificados como redondos ou planos. O personagem plano é aquele ao qual não são atribuídas muitas características e detalhes. Já os personagens redondos, que geralmente são os protagonistas, recebem bem mais características que o plano. O narrador atribui a estes personagens uma carga maior de características e as desenvolve de forma mais complexa. Essas características bem trabalhadas são geralmente físicas, psicológicas, espirituais, morais ou emocionais. Um exemplo clássico desse tipo de personagem redondo é Jesus Cristo.

Quem são os principais personagens do nosso texto? Além de Jesus, o texto nos apresenta outros personagens de relevância, como o jovem rico, Pedro e os discípulos. Jesus é o personagem principal, logo ele é o protagonista herói. Muito embora possam existir

personagens heróis que se tornam anti-heróis, como Jonas, por exemplo. Jesus ocupa a posição principal em todo o texto, mesmo que o episódio do jovem rico seja discutido até o final do diálogo.

No primeiro cenário em que o rico indaga Jesus a respeito da sua tentativa de entrar no reino de Deus, Jesus destaca-se como o herói da história pelo fato de ter a missão de mostrar a ele o verdadeiro caminho para alcançar o céu. O jovem rico é o anti-herói, pois estava equivocado quanto a sua religião. As suas intenções de entrar na vida eterna eram reais e sinceras, mas incompletas. Ele tentava obedecer os mandamentos para alcançar a perfeição – não sabia ele que a perfeição era impossível aos homens. Então o herói Jesus lhe aplica um teste, de amar a Deus acima de tudo, e ele então fracassa.

No segundo cenário o personagem anti-herói sai de cena e entra Pedro juntamente com os discípulos. Pedro recebe função secundária na história, ele é o típico personagem plano. Ele fala em nome dos discípulos. Já os discípulos são personagens redondos aqui, pois eles é que deixaram para trás família e propriedades para seguirem a Deus. São eles que recebem o consolo do mestre com as seguintes palavras: “vós, que me tendes seguido, também vos assentareis em doze tronos e julgareis as doze tribos de Israel” e que receberiam cem vezes mais aqui e na vida eterna (19.28). Eles, sim, alcançariam a vida eterna.

Jesus continua sendo o herói, agindo e falando aos discípulos. O narrador deixa o protagonista dar suas explicações finais e conclusões, sem necessidade de entrar na história. Jesus termina confortando seus discípulos, dizendo que haveria recompensa por eles optarem por buscar a Deus em primeiro lugar e, por consequência, se tornarem “os últimos” aqui na terra em privilégios (19.30). O herói Jesus finaliza a narrativa com suas próprias palavras trazendo aos discípulos ânimo para continuarem o discipulado.

O enredo

Como estratégia de desenvolvimento dos fatos o narrador tece o enredo. Este apresenta o conflito como elemento central, com a finalidade de despertar no leitor interesse e expectativa no desenrolar da história. Todos os elementos já vistos aqui (narrador, tempo, cenário, personagens) servem para dar sentido e vida ao enredo. Suas partes essenciais são: exposição,

tensão, resolução e desfecho. Esses itens servem para a construção do enredo, ou seja, para expor o enredo, dar tensão, resolução e um desfecho final na história analisada. Construiremos o enredo da narrativa do homem rico utilizando cada uma dessas partes.

Exposição é a parte do enredo em que o narrador introduz os fatos iniciais, os personagens ou outra parte da narrativa que possibilite ao leitor se situar na história. Nesta exposição não há marcas de tempo específico. Entretanto, lendo o contexto ao redor da narrativa podemos perceber que Jesus estava na Peréia nesse momento, a caminho de Jerusalém. Durante a viagem Jesus e os seus discípulos foram por várias vezes interrompidos.

No versículo 3 o narrador relata que um grupo de fariseus questionaram Jesus a respeito do divórcio com a má intenção de experimentá-lo. No versículo 13 o narrador informa que foram trazidas algumas crianças para que Jesus as abençoasse. O versículo 16 expõe o início do enredo, quando diz: “Eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou [...]” Novamente a viagem de Jesus é interrompida por alguém. O texto diz que “alguém” aproxima-se de Jesus para lhe perguntar sobre algo de extrema importância: a vida eterna, a salvação da alma. Esta pergunta expõe o pensamento do homem rico e o início da tensão da narrativa.

Tensão é o item da narrativa em que um personagem se opõe a outro, criando assim uma situação dramática de conflito. É a partir do conflito que o narrador desenvolve os fatos entre os elementos da narrativa: os personagens, as idéias e as situações diferentes. Em oposição um ao outro, com o objetivo de prender a atenção do leitor, essas tensões podem ser mais intensas, mais dinâmicas ou mais lentas – dependendo da situação, dos conflitos e do desenrolar da história contada.

Na segunda parte do versículo 16 encontramos o início da tensão, quando o narrador introduz a voz do primeiro personagem dizendo: “Mestre, que farei eu de bom para alcançar a vida eterna?”. Herdar a vida eterna era um tópico comum na expressão judaica (BOCK, 2006: 285). A partir dessa pergunta, até ao final da narrativa, as tensões irão girar em torno da mesma questão, que será solucionada no ápice da trama: Como alcançar a vida eterna? É possível?

A primeira tensão é apresentada pelo narrador quando este expõe o diálogo entre Jesus e o rico sobre a possibilidade de alcançar a vida eterna. A tensão é intensificada quando o jovem não consegue cumprir as exigências (de renunciar todos os seus bens, repartindo-os com os

pobres e seguir com Jesus) e sai dali triste, porque era fiel às suas riquezas, não foi capaz de amar mais a Deus do que as suas riquezas.

A tensão cresce ainda mais nos versículos 23 e 24 quando Jesus explica a situação e profere a parábola do camelo e da agulha para ilustrar a impossibilidade humana de se alcançar a vida eterna. A reação dos discípulos revela a gravidade da questão ainda não solucionada. O narrador explicita que: “ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo?” (v. 25).

Com esta declaração de angústia chegamos ao ponto mais alto da narrativa. A tensão chega agora ao ápice do conflito. E o leitor se prende na trama (também em angústia juntamente com os discípulos) para tentar compreender quem realmente pode ter a vida eterna. Se eles também poderiam entrar na vida eterna. Todavia, para a alegria do leitor, o enredo traz a resolução da história. É possível!

O homem rico confiava na sua própria boa conduta, mas não confiava no bom Mestre Jesus para capacitá-lo a renunciar sua riqueza terrena. Confiança e renúncia são as palavras-chave em questão. Renúncia é o que faltou de bom naquele homem rico e infeliz, que decidiu não renunciar o seu dinheiro para seguir a Jesus. Renúncia é exatamente a atitude louvável dos discípulos, que deixaram tudo (família e propriedades). Renúncia é o que o bom Jesus espera de nós, leitores, hoje, diante desta história narrada por Mateus.

Obviamente que Jesus não pede a todas as pessoas, indiscriminadamente, para abrir mão dos bens materiais ou família para segui-lo, mas esta era exatamente a fraqueza daquele jovem (BIELER, 1990: 468). A questão era quanto às prioridades de cada um. A prioridade de um discípulo de Jesus deve ser o próprio Jesus. Entretanto o narrador quer perguntar para nós leitores: “Você também fracassaria diante de tão difícil teste? Qual a sua prioridade? Você renunciaria tudo por amor a Deus?”.

A *resolução* do enredo é a solução trazida na narrativa. No versículos 26 temos o início da resolução. O conflito começa a ser solucionado. A angústia dos discípulos por saber quem pode ser salvo está chegando ao fim. Jesus confirma que é impossível aos homens alcançar a vida eterna, mas em seguida conforta os discípulos dizendo que “para Deus tudo é possível” (v. 26). O leitor agora pode respirar mais tranquilo, pois já sabe que pode, sim, alcançar a vida eterna. Com Deus, sim, tudo é possível.

A narrativa agora começa ficar mais lenta. O narrador deixa que apenas a voz de Jesus desenvolva a resolução da trama. A partir desse momento não haverá mais diálogo, somente o nosso personagem herói – Jesus Cristo – se encarregará do desfecho final do enredo.

O *desfecho* é a conclusão do enredo, a parte final do desenrolar da história. O narrador termina com todas as suas estratégias de prender a atenção do leitor para chegar a esse momento final. É um momento de alívio e felicidade para os discípulos de Jesus, e também para os discípulos hoje que lêem essa narrativa. Somos todos confortados e consolados pelo Mestre e Senhor. Teremos, sim, a vida eterna, mas somente através dele será possível, pois para Deus tudo é possível! (v. 26). O narrador quer levar o leitor a uma reflexão mais profunda da vida: O que realmente vale a pena? Riquezas terrenas ou celestiais? Bens ou vida eterna? Renúncia ou salvação? Qual a sua prioridade?

Jesus exige exclusividade no seu discipulado. O amor do discípulo pelo seu mestre não pode ser dividido ou parcial. O seguidor de Jesus deve estar disposto a renunciar aquilo que mais ama para provar o seu amor ao Mestre Jesus, até a própria vida, se necessário for. Esse é o preço do discipulado cristão. A estratégia retórica do narrador é perguntar ao leitor: Você pagaria o preço? Confiaria em seguir Jesus e renunciar tudo na esperança de ter a vida eterna?

Os discípulos são exemplos claros da real possibilidade de herdar a vida eterna, como Jesus já havia explicado (vs. 26 e 27). Os discípulos também foram homens de negócios – alguns deles tinham firma de pesca, outro era coletor de impostos – tinham famílias e bens. Entretanto, todos foram capazes de deixar suas profissões e negócios para seguirem com Jesus. O poderoso chamado de Jesus para o discipulado tornou possível. Quando Jesus os chamou eles prontamente obedeceram e renunciaram a tudo e o seguiram, imediatamente (Mateus 4.18-22) – que autoridade, que poder; para Deus tudo é possível!

Até mesmo aos discípulos mais humildes (aqueles que deixaram bens e família para seguir a Cristo), haverá recompensa. Aqueles que são vistos com desprezo e em último lugar pela sociedade, ainda nesta vida alcançarão recompensa, pois os últimos serão os primeiros no reino de Deus. Jesus responde que a herança eterna não é para ser alcançada por méritos próprios, mas sim, um favor imerecido de Deus. Só a graça de Deus é capaz de nos fazer renunciar tudo (se necessário for) e segui-lo para alcançar a vida eterna. Essa é a nossa herança eterna; e herança é dádiva, é presente, é graça, é dom. Esse é o desfecho da mensagem

claramente apresentado por Mateus aos seus leitores de todas as épocas: É impossível aos homens conquistar a herança eterna, mas é totalmente possível a Deus. Confie e siga o bom Mestre, agora mesmo, sem vacilar!

Todo o texto dessa narrativa é organizado com uma estrutura quiástica, em que as tensões são resolvidas a partir do centro, onde acontece sua maior dramatização. E é do centro para a extremidade que inicia a resolução da narrativa. Como segue:

Exposição: versículo 16a: O jovem rico se aproxima de Jesus para perguntar:

Tensões: versículos 16b-25:

A – (v. 16 b) O jovem rico: *Como alcançar a vida eterna?*

B – (v. 21) Jesus: *Renuncia todos os seus bens e me siga.*

C – (v. 24) A parábola: *É impossível alcançar a vida eterna*

DRAMATICIDADE – v. 25: Discípulos maravilhados:

Quem então pode alcançar a vida eterna?

Resolução: (v. 26):

Desfecho: (vs. 26-27):

C' – (v. 26) Jesus: *Alcançar a vida eterna só é possível a Deus.*

B' – (v. 27) Pedro: *Renunciamos tudo (bens e família) e te seguimos.*

A' – (vs. 28-30) Jesus responde: *Todo aquele que renuncia a tudo que tem, por amor a Deus, alcançará a vida eterna.*

Conclusão

O dinheiro daquele jovem, que parecia um aliado para herdar a vida eterna, serviu de empecilho e pedra de tropeço. Ele não foi capaz de renunciar aquilo que mais amava por amor a Deus. O seu amor pelo dinheiro foi a raiz e a causa de todo o seu mal (1 Timóteo 6.10). A vida eterna não pode ser alcançada ou merecida por boas obras. É impossível ser perfeito obedecendo os mandamentos para alcançar a vida eterna. As obras devem ser a consequência e não a causa da salvação.

O discipulado cristão exige muito mais que o dinheiro, ele exige aquilo que o discípulo mais ama. Se amar e priorizar os bens ou família mais do que a Deus, então será impossível alcançar a vida eterna. Se a riqueza for um perigoso empecilho para seguir Jesus, então é melhor renunciá-la e doá-la aos pobres. Esse é o chamado de Jesus. Essa é a missão dos seus discípulos.

Assim o narrador termina da mesma forma que começou. O texto começa com uma pergunta sobre o que devemos fazer para entrar no reino de Deus e termina com uma resposta de Jesus aos seus discípulos, que só é possível a Deus. Dessa forma o narrador chama o leitor para uma reflexão: Entrar no reino dos céus é humanamente impossível; mas para Deus tudo é possível! Só um milagre de Deus pode fazer com que alguém renuncie as coisas materiais desta vida e/ou o que mais preza. Só o poder de Deus pode levar uma pessoa a total renúncia dessa vida e o que ela pode nos oferecer para seguir Jesus na esperança de alcançar a vida eterna. O narrador, de forma implícita, mas muito clara, coloca o leitor no lugar do rico e pede uma decisão difícil: Seria capaz de renunciar tudo e confiar somente nele? Você deixaria tudo para seguir Jesus na esperança de alcançar a vida eterna? Isso é impossível para os homens, mas totalmente possível com Deus!

Referências bibliográficas

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. Tradução de Waldir Carvalho Luz. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1990.

BOCK, Darrell L., *Jesus segundo as Escrituras*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.

BRUGGEN, Jacob van. *Cristo na terra – as narrativas dos evangelhos como história*. Tradução de Rinette Werkman. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005.

FERREIRA, João Cesário Leonel; AMARO, Diego Werner Cattermol; PROFETA, Helder Graciano. A relevância da teoria literária para a exegese bíblica: um exercício em 1 Samuel 1.1-28. *Revista Teológica*, Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas, v. 68, n. 65/66, 2008.

LUZ, Ulrich. *El evangelio segun san Mateo: Mt 1-7*. Tradução de Manuel Olasagasti Gaztelumendi. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993, v. I (Biblioteca de estudios bíblicos 74).